

Diana Couto¹

Finalidade e funções da linguagem em Agostinho de Hipona

Resumo: O presente artigo foca-se na análise da doutrina agostiniana acerca da linguagem humana. Tendo como objeto central de estudo o diálogo *O Mestre*, investiga-se quais as condições necessárias à existência de linguagem, assim como as relações desta com o pensamento e com o mundo. Expõem-se noções incontornáveis tais como sinal, ostensão, memória e referência. Na última parte, explicitam-se os motivos da utilidade ou inutilidade das palavras e faz-se alusão àquilo que se sabe sem saber. Explica-se por que motivo as palavras são uma condição necessária – embora não suficiente – para ensinar.

Palavras-chave: sinal; ostensão; gesto, palavra; aprendizagem.

Abstract: This article is focused on the analysis of Saint Augustine's *The Magister* and on his doctrine of human language. In particular, I analyse the necessary conditions for the existence of language and its relationships with the concepts of Thought and World. In order to do so, first I introduce the ground notions of sign, ostension, memory, and reference. Second, I examine their relation to what is known without knowing. In a final stage, I explain why words are a necessary, though not sufficient, condition for teaching.

Keywords: sign; ostension; gesture; word; learning

Introdução

Não é ao acaso que Agostinho é um dos nomes mais reluzentes da Idade Média, da mesma forma que não é ao acaso que o seu nome não se esgota nela e atravessa um longuíssimo período histórico que chega até aos nossos dias. É extraordinário como as suas teses moldaram, influenciaram ou serviram de inspiração a algumas das mentes mais brilhantes da contemporaneidade. A relevância das suas obras enfatiza a atualidade de Agostinho, um filósofo cujo estudo ajudará a compreender

¹ Estudante de Mestrado em Filosofia (Filosofia Contemporânea) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: up200704771@letras.up.pt

muitos dos movimentos filosóficos de uma época que nos é mais próxima.

Grande parte das suas mais belas doutrinas são fruto de reflexões de foro antropológico. Durante a sua vida, Agostinho ocupou-se de temas como a liberdade e a vontade; refletiu sobre as relações entre os indivíduos e entre criaturas e criador; procurou compreender como poderia o Homem ser feliz num mundo perigosamente sedutor. A temática da linguagem humana não lhe ficou esquecida². Ao estudar Agostinho compreende-se que todas as suas teses sobre os mais variados temas se encontram mutuamente conectadas dando origem a uma obra complexa e coerente cujo entendimento não é imediato e requer dedicação.

As teses agostinianas acerca da linguagem encontram-se essencialmente em três obras, sendo que em todas elas o conceito de *signal* ocupa um lugar privilegiado: nas *Confissões*, Agostinho narra como uma criança aprende a falar e expõe a sua teoria da aquisição da linguagem; em *A doutrina cristã*, pronuncia-se acerca da divisão e forma que os sinais podem adotar; e em *O mestre*, a obra principal para o tema deste artigo, foca-se na(s) função(ões) da linguagem e nas suas relações com o sujeito, mundo e deus.

A par da noção de *signal*, teremos oportunidade de compreender que a noção de *referência* é também decisiva na teoria agostiniana da linguagem por dois motivos: em primeiro lugar, Agostinho defende que o significado de uma palavra é a sua referência; em segundo lugar, compreender uma palavra é saber identificar o seu referente. Veremos que a memória desempenha uma função incontornável não apenas no que concerne ao processo de aquisição de linguagem, mas também à sua própria existência. Analisa-se igualmente quais as funções da linguagem na vida comum dos homens e na sua relação com deus. Por fim, poderemos compreender que apesar das palavras, por si só, serem vazias de utilidade, através delas iluminam-se os recônditos do interior do espírito onde se aloja a Verdade.

² É precisamente pelo facto de as motivações filosóficas de Agostinho se direcionarem mais para a antropologia do que para a linguagem propriamente dita que não o podemos considerar, a meu ver, um filósofo da linguagem, pelo menos no sentido hodierno da expressão.

1. O problema da significação

De acordo com Agostinho, tudo toma a forma de significante ou significado ou, nas suas palavras, tudo adota a forma de sinal ou de coisa que não é sinal. Os sinais cumprem um papel central na vida dos homens, visto que são eles que abrem o caminho à comunicação. A fala é algo substancialmente diferente de uma mera enunciação de sons sem significado. O que se pertence com a locução da palavra é que esta adote a forma de um veículo de significado e que faça chegar ao ouvinte uma mensagem. A comunicação reveste-se de várias formas e, portanto, também assim o fazem os sinais. Agostinho classifica-os em dois grupos distintos: sinais naturais (os que são provenientes da natureza e que nada dependem dos homens) e os sinais artificiais (os que são fruto de criação humana). Assevera o filósofo:

«Entre os sinais, uns são naturais e outros são instituídos pelos homens. Os naturais são aqueles que, sem qualquer escolha ou desejo, fazem que se conheça mediante eles alguma outra coisa para além daquilo que eles são. O fumo é sinal do fogo, sem que ele queira significá-lo; nós, com a observação e a experiência das coisas comprovadas, reconhecemos que em tal lugar há fogo, ainda que ali apenas apareça fumo. A este género de signos pertence a marca que deixa impressa o animal que passa; tal como acontece com o rosto irado ou triste, que mostra a afeição da alma, ainda que o que está triste ou irado não quisesse manifestá-lo, como também acontece com qualquer outro movimento da alma que se manifeste externamente exterior.»³

O interesse de Agostinho direciona-se essencialmente para os sinais do segundo tipo⁴, visto que são estes os que se encontram em estrita relação com a linguagem humana.

³ SAN AGUSTÍN, *De la doctrina cristiana*, in *Obras completas de San Agustín*, ed. bilingue, trad. Balbino Martín, La Editorial Católica/BAC, Madrid 1969, pp. 97-8. As citações das obras de Santo Agostinho, quando feitas a partir de traduções em outros idiomas que não o português, ocorrem sempre no corpo do texto em nossa tradução, a partir da edição citada em nota. Quando citadas em nota, mantemos o idioma da edição que usamos.

⁴ Cf. J. RIST, *Augustine ancient thought baptized*, Cambridge University Press, Cambridge 1994, p. 24.

Por sinal, entende-se «toda a coisa que, além da fisionomia que em si tem e que apresenta aos nossos sentidos, faz que nos venha ao pensamento outra coisa diferente»⁵. Assim, da mesma forma que ao ver uma pegada no chão descobrimos que por aí passou um animal, ou ao avistar fumo ao longe sabemos que há fogo, através do tipo de som libertado pela corneta os soldados sabem se devem avançar, retirar-se ou fazer outro movimento exigido na batalha. Embora os sinais artificiais possam ser de vários tipos, Agostinho foca a sua atenção nas palavras, visto que são elas que «elas conseguiram ser entre os homens os signos mais principais para dar a conhecer todos os sentimentos da alma, sempre que alguém os quer manifestar»⁶.

Todas as palavras são sinais, pois todas elas possuem significado e nada pode ser sinal se nada significa⁷. Os sinais podem ser divididos de acordo com os sentidos corporais aos quais aludem⁸. Tanto a corneta

⁵ SAN AGUSTÍN, *De la doctrina christiana*, op. cit., p. 97.

⁶ *Ibidem*, p. 99.

⁷ Esta relação entre sinal e significado levanta dificuldades que são discutidas no início do diálogo *O Mestre*. Agostinho solicita a Adeodato que lhe diga o significado de cada uma das palavras do verso da *Eneida* de Virgílio: ‘*Si nihil ex tanta superis placet urbe*’. Quanto à primeira palavra ‘*Si*’, Adeodato responde que significa dúvida e que a dúvida não está senão no espírito. No que respeita à segunda palavra, ‘*nihil*’, Adeodato diz que significa nada, o que parece levar à conclusão de que se ‘*nihil*’ significa nada, então é falso que todos os sinais significam algo. Agostinho evita tratar a questão e remete-a para outra ocasião, afirmando apenas que é provável que «por essa palavra se signifique certa impressão do espírito, quando este não vê uma coisa, e não obstante descobre ou pensa ter descoberto que ela não existe» (SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, trad. A. Soares Pinheiro, Porto Editora, Porto 1995, p. 60). Segundo Kirwan, esta passagem parece sugerir que certas palavras significam *estados da mente* [*states of mind*]. Escreve Kirwan: «*In the mind’ seems to be the answer that Augustine’s last question was inviting; and that suggests that he is keen to introduce the idea – not yet explicit in De Magistro – that words signify states of mind. We can well imagine that not only propositional thoughts, such as the thought that there will be an eclipse tomorrow, but also states of mind, such as doubt [...]*» (C. KIRWAN, «Augustine’s philosophy of language», in E. STUMP – N. KRATZMANN (eds.), *The Cambridge companion to Augustine*, Cambridge University Press, Cambridge 2001, p. 194). Gareth Matthews faz afirmações idênticas às de Kirwan (Cf. G. MATTHEWS, *Augustine*, Blackwell Publishing, Oxford 2005, pp. 28-29).

⁸ «De los signos con que los hombres comunican entre sí sus pensamientos, unos pertenecen al sentido de la vista, otros al del oído, muy pocos a los demás sentidos. Efectivamente, al hacer una señal con la cabeza solamente damos signo a los ojos a la persona a quien queremos comunicar nuestra voluntad. También

como a palavra podem ser percebidas pelo ouvido. Por sua vez, a pegada do animal impressa no solo, o fumo que se avista ao longe ou até mesmo as palavras escritas são sinais que aludem à visão. Agostinho dedica algum tempo a esclarecer a distinção entre palavra audível e visível⁹. Por palavra entende «aquilo que se profere por meio de uma articulação da voz e que possui uma determinada significação»¹⁰ e que ao não poder ser percebida por outro sentido a não ser pelo ouvido, permite a comunicação apenas com aqueles que estão próximos. Por sua vez, a palavra escrita ao não requerer proximidade para ser compreendida, facilita a comunicação com aqueles que se encontram distantes. Nesse sentido, as palavras que podem ser lidas são sinais por meio dos quais surge na mente aquilo que diz respeito ao ouvido. No diálogo com o seu pai, Adeodato esclarece: «palavras que se escrevem são sinais daqueles sinais que se proferem com a voz»¹¹. A diferença entre ambas as palavras – escritas e audíveis – reside tão só nos sentidos aos quais aludem: as primeiras à visão e as últimas à audição.

algunos dan a conocer no pocas cosas con el movimiento de las manos: los cómicos con los movimientos de todos sus miembros dan signos a los espectadores, hablando casi con los ojos de quienes los miran. Las banderas e insignias militares declaran a los ojos la voluntad del jefe, de modo que todos estos signos son como ciertas palabras visibles. Los signos que pertenecen al oído, como dije antes, son mayor en número, y principalmente los constituyen las palabras; la trompeta, la flauta y la citara dan muchas veces no solamente un sonido suave, sino también significativo, pero toda esta clase de signos en comparación con las palabras son poquísimos. Las palabras han logrado ser entre los hombres los signos más principales para dar a conocer todos los pensamientos del alma, siempre que cada uno quiera manifestarlos. El Señor dio un signo del olfato con el olor unguento derramado en sus pies. Al sentido del gusto también le dio un signo con el sacramento de su Cuerpo e Sangre comido por Él de antemano, con el cual significó lo que quiso hicieran sus discípulos. También al sentido del tacto le dio un signo, cuando la mujer tocado la orla de su vestidura recibió salud. Pero la innumerable multitud de signos con que los hombres declaran sus pensamientos se funda en las palabras, pues toda esta clase de signos que por encima he señalado los pude dar a conocer con palabras, pero de ningún modo podría dar a entender las palabras con aquellos signos» (SAN AGUSTÍN, *De la doctrina christiana*, op. cit., pp. 99-100).

⁹ Cf. SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, op. cit., pp. 64-68.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 64-65.

¹¹ *Ibidem*, pp. 65.

O motivo pelo qual o sinal é visto como aquilo que faz com que emerja na mente algo distinto a ele próprio assemelha-se à razão pela qual quando se escuta uma palavra se percebe muito mais do que um mero conjunto de ruídos. Conhecer uma palavra é conhecer o seu significado e a palavra que se ouve e cujo significado se ignora ressoa ao ouvido sem qualquer significação e, portanto, como se palavra não fosse. Este caso manifesta-se em *O Mestre* aquando da pergunta de Agostinho a Adeodato sobre se ‘homem’ é homem¹². A absurdidade da pergunta, pelo menos à primeira vista, desaparece quando a mesma é colocada noutros termos: se é evidente que ‘homem’ é homem, então é também evidente que a junção das suas sílabas ‘ho’ e ‘mem’ é homem? O que aqui se encontra em jogo é o uso da palavra e a realidade por ela significada. Certamente que se nos indagam acerca do que é um homem, imediatamente atribuímos significação à palavra que, uma vez conhecida, é remetida para a realidade por ela significada. ‘Homem’ é tanto palavra quanto coisa, e conhecer a primeira não é senão saber correlacioná-la com a segunda. Por esta razão, diz-se que as realidades significadas deverão ser tidas em maior conta do que os sinais que as significam, visto que «o que é por causa de outra coisa merece necessariamente menos estima do que aquilo por causa do qual é»¹³. O conhecimento da realidade é mais valioso do que os sinais, visto que o conhecimento destes últimos depende do conhecimento prévio da realidade significada.

Agostinho – [...] Agora porém, quando eu fiz ressoar três palavras, uma das quais repeti ao inquirir – se homem é homem – que a palavra central e a final [isto é, «homem»] não as tomaste segundo os sinais mesmos, mas segundo a realidade por elas significada, é manifesto, mesmo só por isto, que imediatamente julgaste dever responder à pergunta, certo e confiante. Adeodato – É verdade o que dizes.

Agostinho – Por que é então que só à palavra central te aprouve tomá-la não apenas segundo o som, mas também segundo aquilo que significa?

Adeodato – O facto é que agora tomo tudo só pelo lado daquilo que é significado. Concordo efectivamente contigo: de nenhum modo se pode conversar se, ao ouvir as palavras, o espírito não é levado para as coisas de que elas são sinais. [...] ¹⁴.

¹² Cf. *Ibidem*, pp. 79-83.

¹³ *Ibidem*, p. 83.

¹⁴ *Ibidem*, p. 81.

Coisas significadas podem ser mostradas, além de sinais, através da própria realidade. A possibilidade de significar objetos por outro meio que não pelas palavras é debatida no diálogo entre Agostinho e Adeodato. É com harmonia que ambos aceitam que um dado objeto parece poder ser significado através de um gesto ostensivo sem a locução de qualquer palavra¹⁵. Este caso ocorre, por exemplo, entre pessoas surdas ou atores que apenas por meio do gesto significam não só as coisas que se podem ver, mas também muitas outras e quase tudo aquilo que se pode falar¹⁶.

Apesar da verdade deste raciocínio, ele deve, porém, ser percorrido com cuidado pois algumas restrições reclamam ser ouvidas. Agostinho faz referência à específica situação em que se pretende mostrar, sem o uso de quaisquer palavras, em que consiste caminhar a alguém que sobre isso nos indaga. Ora, esta demonstração seria possível apenas se o movimento ‘caminhar’ fosse efetuado após a pergunta, visto que se o inquiridor perguntasse em que consiste caminhar no exato momento em que quem responde está precisamente a caminhar, o primeiro não teria pistas suficientes, apenas pela observação do movimento, para compreender o que ambiciona saber.

Agostinho – Pois bem, diz-me: se eu desconhecesse por completo a significação dessa palavra e te perguntasse o que é caminhar, a ti que estavas a caminhar, de que modo mo ensinarias?

Adeodato – Praticaria isso mesmo um pouco mais depressa, de modo que notasses algo de novo, após a tua pergunta; e também assim não se faria senão aquilo que se deveria mostrar.

Agostinho – Sabes que uma coisa é caminhar e outra apressar-se? Com efeito, ordinariamente quem caminha não se apressa; e quem se apressa nem só por isso caminha, pois nós falamos de «pressa» em escrever, em ler e em inumeráveis outras coisas. Por esta razão, se aquilo que estavas a praticar o praticasses mais rapidamente depois da minha interrogação, eu havia de julgar que andar não era mais que apressar-se; era isso que tinhas acrescentado de novo, e por esse motivo me enganaria.

Adeodato – Reconheço que sem sinal não podemos mostrar uma coisa, se a estivermos a praticar ao sermos interrogados. Com efeito, se nada acrescentamos, quem pergunta julgará que não a queremos mostrar e que, não fazemos caso dele, prosseguimos o que estávamos a fazer. Se porém nos interroga sobre coisas que podemos fazer, e todavia não interroga no

¹⁵ Cf. *Ibidem*, pp. 61-62.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, pp. 62-76.

momento em que as estamos a fazer, e mostrar-lhe, por meio da mesma realidade e não de um sinal, aquilo que pergunta, efetuando-o nós depois da sua interrogação; a não ser que estando eu porventura a falar me pergunte o que seja falar. Efectivamente, diga eu nesse caso o que disser, tenho necessariamente de falar para o ensinar. Por isso, sem me retirar da coisa mesma, que desejou lhe fosse ensinada, e sem buscar sinais com que lhe mostra, além dela mesma, continuando eu [a falar] ensiná-lo-ei, até lhe tornar claro o que deseja¹⁷.

Conclui-se que sim, é possível mostrar sem sinal, através da própria realidade, mas em casos bastantes particulares; na maior parte das situações comuns impõe-se a necessidade de adicionar sinais verbais à demonstração. Apenas aquilo que é e não é corpóreo é passível de ser mostrado sem palavras, através do gesto, que também é sinal¹⁸. Por meio de sinais mostram-se coisas que são sinais e outras coisas que não o são, da mesma forma que sem sinais e por meio da própria realidade, se mostram coisas que se podem fazer depois da interrogação. Resume Agostinho:

Portanto, quando se nos pergunta sobre determinados sinais, podem os sinais mostrar-se com sinais; quando porém se trata de coisas que não são sinais, [mostram-se] ou realizando-as depois da pergunta, se podem realizar-se, ou dando sinais pelos quais elas se possam notar¹⁹.

2. Aquisição e funções da linguagem

O Homem é, por definição, um ser racional que questiona, duvida, ama, sente; é um ser capaz de se comunicar com os seus semelhantes e transmitir os seus desejos, medos, angústias e esperanças. Para Agostinho, a linguagem é adquirida gradualmente graças à posição dos

¹⁷ *Ibidem*, p. 63.

¹⁸ Diz Agostinho: «Nunca viste como, por meio do gesto, os homens conversam, para assim dizer, com os surdos, e que os próprios surdos é igualmente com os gestos que perguntam, que respondem, que ensinam, que indicam ou todas as coisas que querem, ou certamente muitíssimas? Sendo assim, não são evidentemente só as coisas visíveis que se mostram sem palavras, mas também os sons e os sabores, e restantes coisas deste género. Além disso, os mesmos comediantes, nos teatros, muitas vezes apresentam e explanam histórias inteiras, sem palavras, por meio de bailado» (SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, op. cit., p. 62).

¹⁹ *Ibidem*, p. 64.

homens enquanto indivíduos singulares num contexto plural. É nas *Confissões* que Agostinho relata a sua experiência deste processo:

Não eram as pessoas mais velhas que me ensinavam, facultando-me as palavras pela ordem formal daquilo que me ensinavam, como sucedeu pouco depois com as letras; mas eu próprio, com a mente que me deste, meu Deus, com gemidos e vários sons e vários gestos, queria exprimir os sentimentos do meu coração, para que obedecessem à minha vontade, e não conseguia manifestar tudo aquilo que queria nem com os meios que queria. Fixava na memória quando eles nomeavam um objeto, e quando, consoante a palavra, moviam o corpo em direcção a alguma coisa, eu via e registava que designavam essa coisa com o som que proferiam quando queriam mostrá-la. Pelo gesto descobria-se que eles queriam uma coisa, como que tratando-se das palavras naturais de todos os povos, que se concretizam com a fisionomia, um aceno do olhar, um movimento dos braços e um som da voz, para indicar um estado da alma quando pede, possui, rejeita ou evita alguma coisa. Assim, ia eu deduzindo pouco a pouco de que coisas eram signos as palavras colocadas nas várias frases em posição apropriada e frequentemente pronunciadas, e com elas, afeiçoada a boca a esses signos eu já enunciava os meus desejos²⁰.

No excerto recém-citado, Agostinho expõe as condições necessárias não só à aprendizagem da linguagem, mas também à existência da mesma: a inserção do aprendiz num contexto social que potencia o contacto com falantes; a existência de uma linguagem gestual que acompanha a linguagem verbal na nomeação de objetos; a indispensabilidade da memória enquanto faculdade que permite a fixação do nome ao objeto nomeado e, por último, a posse de uma *mente* dotada por deus às criaturas que lhes possibilita a assimilação dos sons e significados dos mesmos. A existência da linguagem depende da ocorrência simultânea destes quatro fatores. Para Agostinho, aquele que fala «mostra exteriormente o sinal da sua vontade, por meio de um som articulado»²¹ com o objetivo de ensinar ou rememorar o seu interlocutor. São estas as funções da linguagem apresentadas no capítulo inaugural de

²⁰ SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, ed. bilingue, trad. A. Espírito Santo, J. Biato e M. C. Pimentel, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Porto 1942, p. 23.

²¹ *Idem*, *O mestre*, op. cit., p. 58.

O Mestre. Veremos, porém, que recordar não é senão uma forma de ensinar²².

As palavras não se ensinam apenas por meio de outras palavras e apenas por palavras nada se ensina. A ostensão caminha a par da palavra enunciada no processo de aprendizagem. Ao escutar uma palavra desconhecida, se não é mostrado o seu significante, então essa palavra não é vista como tal, pois «uma palavra não é som, mas também signo [...]; [e] não há signo que se conheça bem se não se souber de que coisa é signo»²³. Se neste momento se se ouvisse pela primeira vez uma palavra cujo significado se ignora, ao perguntar a quem a enunciou o que vem a ser essa palavra não se está senão a querer saber qual é a realidade de que ela é sinal. Desconhecer o significado de um sinal verbal equivale a não ser capaz de distinguir um som com significado de um mero ruído. Sobre este assunto, Agostinho escreve o seguinte:

²² É bastante curiosa a insistência de Adeodato, frente a seu pai, que afirma que a linguagem não tem apenas um propósito. As suas palavras são as seguintes: «Não o vejo com toda a clareza, porque, se falar não é mais que proferir palavras, parece-me que o mesmo fazemos quando cantamos. Ora, como isto o fazemos muitas vezes sozinhos, não havendo ninguém presente para aprender, não penso que queiramos ensinar qualquer coisa» (SANTO AGOSTINHO, *O mestre*, op. cit., p. 57). A sua perspicácia relembra a Gareth Matthews L. Wittgenstein que nas *Investigações Filosóficas* fala em ‘jogos de linguagem’ precisamente para chamar à atenção da variedade de situações em que as palavras podem ser usadas. Cito Wittgenstein: «A expressão *jogo* de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Visualizar a multiplicidade dos jogos de linguagem nestes exemplos e em outros: Dar ordens e agir de acordo com elas – Descrever um objeto a partir do seu aspecto ou das suas medidas – Construir um objecto a partir de uma descrição (desenho) – Relatar um acontecimento – Fazer conjeturas sobre o acontecimento – Formar e examinar uma hipótese – Representação dos resultados de uma experiência através de tabelas e diagramas – Inventar uma história; lê-la – Representação teatral – Cantar numa roda – Resolver uma adivinha – Fazer uma piada; contá-la – Resolver um problema de aritmética aplicada – Traduzir de uma língua para outra – Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar» (L. WITTGENSTEIN, *Tratado lógico-filosófico - Investigações Filosóficas*, trad. M. S. Lourenço, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1987, pp. 180-190. Cf. G. MATTHEWS, *Augustine*, op. cit., pp. 26-27).

²³ SANTO AGOSTINHO, *Trindade*, ed. bilingue, trad. A. Espírito Santo, D. L. Dias, J. Beato e M. C. Sousa Pimentel, Paulinas, Prior Velho 2007, p. 663.

[S]e alguém ouvir um signo que desconhece, como por exemplo o som de alguma palavra cujo significado ignora, deseja saber o seu significado, ou seja, deseja saber para evocar que realidade foi instituído aquele som, por exemplo, ouvindo dizer *temetum* e, não sabendo, pergunta o que significa. Antes de mais, importa que saiba que é um signo, isto é, importa que saiba que aquela palavra não é vazia, mas que por ela se quer significar alguma coisa; caso contrário, este trissílabo já lhe é conhecido e a sua imagem articulada foi-lhe impressa no espírito pelo sentido da audição²⁴.

Se, por exemplo, a quem procura saber o que significa *temetum*, foi esse o exemplo que dei, se disser: ‘que te importa isso?’, ele responderá: ‘para eventualmente não ouvir alguém a dizer essa palavra e não o entender, ou vir a lê-la em qualquer parte e não saber o que o escritor quer dizer’²⁵.

Compreender uma palavra é saber de que é sinal e saber de que é sinal é conhecer o seu referente, isto é, é saber identificara realidade que lhe corresponde²⁶. Se se pretende ensinar a um aprendiz a palavra ‘cabeça’²⁷, o que há a fazer é nomear o objeto ao mesmo tempo que se lhe aponta²⁸. Impõe-se a obrigatoriedade de uma linguagem gestual que

²⁴ *Ibidem*, p. 663.

²⁵ *Ibidem*, pp. 667-669.

²⁶ Agostinho menciona ainda três possíveis modos de referência entre sinais: (i) sinais que referem coisas que não são sinais; (ii) sinais que se referem a si mesmos (reflexivos ou autorreferentes); e (iii) sinais que referem outros sinais que, por sua vez, se referem aos anteriores (reciprocidade múltipla). O modo (i) de referência ocorre quando um sinal S_1 refere um determinado objeto O_1 que não é sinal. Tome-se como exemplo a palavra ‘pedra’ que refere o objeto pedra, sendo que este último não é qualquer sinal. Quanto ao modo de referência (ii) ocorre quando existe um sinal S_1 que se refere a si mesmo (S_1). Considere-se, por exemplo, a palavra ‘nome’. Por um lado, ‘nome’ pode significar nomes tais como Kilimanjaro ou Paris (sendo estes também sinais), ou pode referir-se a si mesmo, como por exemplo ‘nome’ é um nome do género masculino’. Quanto ao último modo de referência (iii), ocorre quando existem dois sinais, S_1 e S_2 , em que S_1 refere S_2 e S_2 , por sua vez, refere S_1 . Considerem-se os termos “nome” e “palavra”. Para Agostinho, palavra é tudo o que é pronunciado por meio da articulação da voz, logo ‘nome’ é também palavra; da mesma forma, também todas as palavras são nomes pois possuem referente. Daqui conclui-se que existem sinais que se significam mutuamente (Cf. SANTO AGOSTINHO, *O mestre*, op. cit., pp. 64-77).

²⁷ Cf. SANTO AGOSTINHO, *O mestre*, op. cit., pp. 90-91.

²⁸ G. Matthews chama a atenção para um aspeto importante relativamente à característica ostensiva do ensino da linguagem. A aprendizagem por ostensão, em Agostinho, inclui não apenas o apontar, mas também o mostrar com a própria realidade como acontece no já referido exemplo em que alguém pergunta em que consiste ‘caminhar’ (Cf. G. MATTHEWS, *Augustine*, op. cit., p. 29). No entanto,

acompanha a linguagem verbal²⁹. O gesto faculta as condições necessárias ao aprendiz de modo a que este consiga correlacionar o nome do objeto enunciado ao próprio objeto, estabelecendo assim uma relação entre palavra e realidade. É este o primeiro momento da aquisição de linguagem. Estes dois elementos – enunciação da palavra e gesto – não são só necessários, mas também suficientes à significação: «o som evidentemente não o percebemos pelo sinal, mas pelo ouvido que ele

este mesmo exemplo torna o processo de ostensão ambíguo de acordo com o mesmo intérprete: «The walking example becomes emblematic in *The Teacher* for the ambiguity of ostension. Certainly walking is different from hurrying. Walking is also different from, say, pacing, taking 55 steps, sauntering, and a host of other things that the demonstrator might be taken to have demonstrated. Ostensive learning is, it seems, chronically and unavoidably plagued with such ambiguity» (G. MATTHEWS, *Augustine*, op. cit., p. 30). Um pouco à frente Matthews acrescenta: «Thus the account of language learning in Book 1 of the Confessions seems not to be at odds with Augustine’s insistence, in *The Teacher*, that ostensive teaching is always ambiguous. If it were not for our Godgiven intelligence and the illumination provided by the Inner Teacher, we would never learn what ‘wall’ or ‘walking’ or ‘bird-catching’ means» (*Ibidem*, p. 31).

²⁹ A linguagem gestual (ou expressiva) pode ser considerada, segundo Kirwan, a primeira forma de comunicação entre criança e adulto: «[T]eacher and infant communicate wordlessly, by the “natural language” of facial expression, tone of voice, and bodily movement. One of the many ways in which we can see such pre-linguistic communication at work, Augustine suggests, is in the business of teaching language itself, which can be illustrated from pointing and naming» (C. KIRWAN, «Augustine’s philosophy of language», op. cit., p. 187). Esta afirmação mostra-se pertinente dada a citação de Agostinho nas *Confissões*: «Depois, comecei também a sorrir, primeiro enquanto dormia, e a seguir quando estava acordado. Foi isso que me disseram a meu respeito e eu acreditei, porque é assim que vemos fazer às outras crianças; pois não me recordo disso. E eis que pouco a pouco comecei a sentir onde estava e a querer manifestar as minhas vontades àqueles que as podiam satisfazer, mas não conseguia, porque elas estavam dentro de mim e eles fora, não podendo por nenhum dos sentidos entrar em minha alma. Por isso, eu fazia gestos e emitia sons, dando sinais conformes aos meus desejos na medida do que podia e como podia: mas não eram verosímeis. E quando me não obedeciam por não me entenderem ou para não me fazerem mal, indignava-me por não se submeterem os mais velhos, e por pessoas livres não se porem ao meu serviço, e vingava-me delas chorando. Tendo verificado que são assim as crianças que tive a possibilidade de conhecer, e os que me criaram, ignorando mais do que sabendo, indicaram-me que eu era assim» (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, op. cit., p. 15). A aquisição de linguagem representa nada mais do que uma passagem da linguagem gestual à linguagem verbal (Cf. G. MATTHEWS, *Augustine*, op. cit., p. 24).

mesmo faz vibrar; a significação, pela contemplação da coisa mesma que significa»³⁰.

Apenas pela enunciação da palavra nada se aprende nem nada se ensina. Agostinho diz-nos que uma vez conhecida a realidade consegue-se aprender a palavra. Contudo, o inverso não se verifica: não se percebe a realidade por meio de um mero som enunciado. Dito de outra forma: «conhecidas as coisas alcança-se também o conhecimento das palavras; mas ouvidas as palavras, nem as palavras se aprendem»³¹.

3. Importância da memória

Se a ostensão desempenha um papel essencial ao estabelecer o primeiro vínculo entre linguagem e mundo, é igualmente em virtude da ostensão e nomeação do objeto que o aprendiz é capaz de formular na sua mente a sua imagem. No entanto, não basta o estabelecimento de uma correlação momentânea entre palavra e objeto; é necessário fixar na mente essa referência de modo a ser possível nomear o objeto na sua ausência. É por este motivo que a memória é imprescindível à comunicação. Enquanto faculdade infinita e ilimitada³², a memória permite a aprendizagem e, mais exatamente, a própria linguagem.

Sem memória viveríamos num mundo sem conceitos, num mundo que não poderia ser conhecido, num mundo que não poderia ser mundo (ou, pelo menos, não seria o mundo tal qual o conhecemos). É no palácio da memória³³ que estão arquivadas, de forma distinta e classificada todas

³⁰ SANTO AGOSTINHO, *O mestre*, op. cit., p. 90.

³¹ *Ibidem*, p. 91.

³² «Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites. Quem lhe chegou ao fundo? E esta é a força do meu espírito e pertence à minha natureza, e nem eu consigo captar o todo que eu sou» (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, op. cit., p. 457).

³³ «Realizo estas ações no meu interior, no imenso palácio da minha memória. Aí está à minha disposição o céu, e a terra, e o mar, com todas as coisas que neles pude receber pelos sentidos, excepto aquelas de que me esqueci. Aí me encontro também comigo mesmo e recordo-me de mim, do que fiz, quando e onde o fiz, e de que modo fui impressionado quando o fazia. Aí estão todas as coisas de que me recordo, quer aquelas que experimentei quer aquelas em que acreditei» (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, op. cit., p. 457).

as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada³⁴. É a memória que guarda as imagens, impressões ou cópias dos objetos provenientes dos sentidos³⁵. Sem memória não seria possível discriminar num ambiente situações de perigo, fazer previsões ou até mesmo agir conforme planos futuros; sem memória far-se-ia difícil a sobrevivência.

Qualquer falante é capaz de compreender o que se lhe quer dizer quando se lhe diz ‘árvore’ ou ‘coelho’, mesmo sem estar perante nenhum desses objetos. Ao enunciar estes exemplos, na mente do ouvinte ocorre um processo de rememoração em que é recordado o que de certa forma já lhe fora ensinado. O ouvinte consegue identificar a palavra com o seu referente mesmo não tendo esse referente presente ao olhar, visto que a imagem do mesmo já foi outrora memorizada. Assim, ao falar nem sempre se ensinam novas palavras; muitas vezes, proporcionam-se as condições para a recordação, pois quando se é interpelado não sobre os objetos experimentados no presente, mas sobre aqueles objetos experimentados previamente já não se fala das próprias coisas, mas das imagens por elas impressas em nós e confiadas à memória. Graças à memória, assevera Agostinho:

Quando, porém, somos interrogados, não sobre os objectos que sensoriamos no presente, mas sobre aqueles que outrora sensoríamos, já não falamos então das próprias coisas, mas das imagens impressas em nós por elas e confiadas à memória. [...] Trazemos assim essas imagens nos recessos da memória, como uma espécie de ensinamentos das coisas

³⁴ «Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz, todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebe, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas» (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, op. cit., p. 455).

³⁵ «É, todavia, vendo essas coisas, não as absorvi, quando as vi com os olhos, e não são essas coisas que estão em mim, mas sim as suas imagens, e sei a partir de que sentido do corpo cada coisa foi impressa em mim» (SANTO AGOSTINHO, *Trindade*, op. cit., p. 459).

anteriormente sensorizadas, e, contemplando-as no espírito, em boa consciência não mentimos quando falamos³⁶.

Ao escutar uma palavra, se se ignora de que é sinal está-se forçado a inquirir. Por sua vez, quando já se aprenderam as palavras e se sabe de que são sinais, ao escutá-las não se as reconhece pelos objetos que estão fora da mente, mas por meio das suas imagens que nela habitam. O processo de rememoração não é mais do que um projetar luz nos lugares recônditos que abarcam significados já conhecidos, embora esquecidos.

O processo de rememoração permite a compreensão do som transmitido pela enunciação da palavra que nomeia o objeto mesmo quando ele não faz parte do entorno. Observam-se, portanto, dois níveis de referência que surgem desta argumentação: uma primeira referência ao objeto externo que adquire um papel nuclear na aprendizagem da linguagem por ostensão; e uma segunda e ulterior referência que permite a identificação do sinal ao correspondente objeto físico quando o mesmo não está presente, estabelecendo-se assim uma relação entre pensamento (ou mente), linguagem e mundo. Verifica-se, ainda, que ambos os modos de referência não andam (pelo menos necessariamente) a par e que um sucede o outro. Enquanto que o primeiro modo de referência pode ocorrer tanto num estágio linguístico como num estágio pré-linguístico, o segundo modo de referência, ao implicar a memorização e aprendizagem proporcionada pela ostensão que ocorre no primeiro estágio, só se faz possível em falantes competentes.

Conclusão | Acerca de tudo o que se sabe sem saber

Ao longo do presente artigo compreendeu-se que a ostensão e a enunciação da palavra cumprem um papel conjunto no ensino e aprendizagem da linguagem. A nomeação do objeto na ausência do gesto não providencia as condições necessárias ao estabelecimento da correlação entre sinal e coisa significada. A memória, enquanto faculdade que permite a fixação das relações aprendidas, torna possível a comunicação entre falantes. Pela memória – e na memória – são guardadas experiências de outrora e, sobre elas, recordando-as, fala-se no

³⁶ SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, op. cit., p. 93-94.

presente. Conclui-se assim que unicamente «por esses sinais chamados palavras nós não aprendemos nada»³⁷, nem nada ensinamos. A função exata das palavras, assim como a sua utilidade, torna-se apreciável quando compreendemos que são dois os modos de conhecer.

Tudo o que é passível de ser conhecido ou o é pelos sentidos do corpo (o que é sensorial ou carnal) ou pela mente (o que é inteligível ou espiritual). Como foi dito, na aprendizagem da linguagem o gesto ostensivo cumpre uma função paralela à enunciação do termo, visto que permite o estabelecimento do vínculo entre palavra e objeto. A memória armazena não só aquilo que é lembrado, mas também aquilo que frequentemente é esquecido, permitindo assim que se conheça o que se procura quando se procura algo, pois se nada se conhecesse nada haveria para procurar:

Uma mulher perdera uma dracma e procurou-a com uma candeia, e, se não estivesse lembrada dela, não a teria encontrado. Tendo-a, pois, encontrado, como saberia se era aquela, se dela não estivesse lembrada? E sei-o porque, ao procurar alguma delas e ao ser-me dito: ‘Porventura é isto?’; ‘Não é, talvez, aquilo?’, durante esse tempo eu dizia: «Não é», até que aparecesse aquilo que procurava. Se não estivesse lembrado dessa coisa, qualquer que ela fosse, ainda que ela aparecesse, não a descobriria, porque não a reconheceria. [...] Logo que for encontrada, é reconhecida pela imagem que está dentro de nós. Não dizemos que encontramos o que estava perdido, se não o reconhecemos, nem o podemos reconhecer, se não nos lembramos: mas aquilo que, de facto, estava perdido para os olhos, conservava-se na memória³⁸.

A argumentação de Agostinho coloca a descoberto uma tensão na sua obra: por um lado, é necessário o uso de sinais para ensinar os homens; por outro lado, os homens não podem compreender os sinais enunciados por aqueles que os ensinam a menos que saibam ao que eles se referem. Então, como se ensinam as coisas às quais não se lhes pode apontar? Este paradoxo é solucionado na última parte do diálogo com a introdução da doutrina do *Mestre Interior*.

³⁷ *Ibidem*, p. 91.

³⁸ *Idem*, *Confissões*, op. cit., p. 476-477.

Deus não é conhecido através dos sentidos do corpo e, além disso, não foi necessário *apontar* às suas Verdades para que elas fossem conhecidas. O conhecimento de deus provém de deus e trata-se de algo que «vemos por meio da mente, isto é, por meio do intelecto e da razão»³⁹. Ao voltar-se para si, o homem encontra-se com deus pois quis ele que fosse esse o seu templo⁴⁰. Aí nesse templo contempla-se a Verdade espelhada nessa luz privada de que «é iluminado e goza aquele que se denomina ‘homem interior’»⁴¹. Não são, portanto, necessárias palavras audíveis na oração e através dela a deus nada se lhe ensina. Pelas palavras não se ensina a Verdade. Porém, o seu uso permite guiar os homens à rememoração de forma a que eles a possam descobrir dentro de si mesmos⁴².

Agostinho – [...] [Q]uando oramos, não é precisa a locução, isto é, as palavras sonantes; a não ser ocasionalmente, como fazem os sacerdotes a fim de exprimirem o seu pensamento, não para que os ouça Deus mas os homens, e assim estes, graças à rememoração, se elevem para Deus em certa conformidade de sentimentos⁴³.

Agostinho – [...] E assim eu diria: onde aprendeste aquelas coisas, que ao ouvir-me falar declaras que são verdadeiras, que estás certo delas e garantas conhecer? Talvez me respondesses ter sido eu que as ensinei. Eu então acrescentaria: se te dissesse que tinha visto um homem a voar, por ventura as minhas palavras deixar-te-iam tao certo como se me ouvisse dizer que os homens sapientes são melhores que os nescientes? Com certeza negarias, respondendo que o primeiro não o acreditavas ou que, embora o acreditasses, o ignoravas; mas que o segundo o sabias com absoluta certeza. Por aqui já entenderias certamente que nada aprenderas com as minhas palavras, nem quanto àquilo que, tendo-o eu afirmado, tu ignorarias, nem

³⁹ *Idem, O Mestre*, op.cit., p. 94.

⁴⁰ «Agostinho: [...] Deus porém deve-se procurar e suplicar no próprio íntimo da alma racional, o qual se denomina – o «homem interior». Quis Ele que fosse messes os seus templos. Não leste no Apóstolo: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” [1 Coríntios, 3,16] e que “Cristo habita no homem interior?” [Efésios, 3,16]» (SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, op. cit., p. 58).

⁴¹ SANTO AGOSTINHO, *O Mestre*, op. cit., p. 94.

⁴² Cf. *Ibidem*, p. 94.

⁴³ *Ibidem*, pp. 58-59.

quanto ao que sabias perfeitamente. [...] Em nenhum caso portanto se trata de aprender⁴⁴.

A Verdade habita no interior de cada homem. As palavras, ao conduzirem os indivíduos à sua contemplação ensinam rememorando e, dessa forma, «não lhes devemos atribuir mais importância do que é justo»⁴⁵. Os homens chamam de mestres àqueles que as enunciam acreditando que são eles que as ensinam, pois nenhum intervalo se interpõe entre as suas locuções e as rememorações. Contudo, esquecem-se de que «o único Mestre de todos nós está “nos Céus”. O que quer dizer “nos Céus”, Ele próprio o ensinará, Ele que também pelos homens, por meio de sinais de fora, nos incita a que nos voltemos para Ele no nosso interior, para sermos ensinados»⁴⁶.

A Verdade mora escondida em cada Homem e quem a ensina é deus interiormente⁴⁷. O ‘homem interior’ reside no templo que é cada indivíduo, servindo como mediação entre os homens e deus; esse mediador é Cristo. O mestre não é aquele que leva os homens a rememorar – e que poderíamos chamar de *mestre exterior* –, mas aquele que ensina a verdade. O único mestre é deus. As palavras são uma condição necessária mas não suficiente à descoberta da Verdade. Em si mesmas, elas nada ensinam; apenas incitam a este itinerário.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo, *Confissões*, ed. bilingue, trad. A. Espírito Santo, J. Biato e M. C. Pimentel, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Porto 2004.

— *O Mestre*, trad. A. Soares Pinheiro, Porto Editora, Porto 1995.

— *Trindade*, ed. bilingue, trad. A. Espírito Santo, D. L. Dias, J. Beato, M. C. Sousa Pimentel, Paulinas, Prior Velho 2007.

AGUSTÍN, San, *De la doctrina cristiana*, in *Obras completas de San Agustín*, XV, ed. bilingue, trad. Balbino Martín, La Editorial Católica/BAC, Madrid 1969.

⁴⁴ *Ibidem*, pp. 94-95.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 98.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 98.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 94.

KIRWAN, C., «Augustine's philosophy of language», in N. KRETZMAN - E. STUMP (eds.), *The Cambridge companion to Augustine*, Cambridge University Press, Cambridge 2001, pp. 186-204.

MATTHEWS, G., *Augustine*, Blackwell Publishing, Oxford 2005.

RIST, J., *Augustine ancient thought baptized*, Cambridge University Press, Cambridge 1994.

WITTGENSTEIN, L., *Tratado lógico-filosófico – Investigações Filosóficas*, trad. M. S. Lourenço, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1987.